N.º 232 Ovar—Domingo 18 de Outubro de 1891 6.º Anno

O POVO D'OVAR

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.
com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60sr. a linha.
Annuncios e communicados, a 50 rs. a linha.
Repetições..... 25 rs. alinha
Annuncios permanentes 5 »
Folha avulso..... 40 reis

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—*Francisco Fragateiro*

Administrador—*Antonio José Pereira Zagallo*

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

O MINISTRO DA FAZENDA

E' o snr. Marianno de Carvalho o paladino da situação. Desenvolve uma energia e uma actividade verdadeiramente admiraveis. Emquanto em Lisboa lucta no campo eleitoral e na imprensa contra os republicanos e progressistas colligados, no Porto repta os republicanos para a rua, trazendo-lhe o rei, depois da sanguinolenta jornada de 31 de janeiro passado e dos conselhos de guerra.

E' d'uma audacia espantosa. Tem luctado com uma somma enormissima de difficuldades para aplanar o caminho de uma viajata real ao norte. Todos se recusavam a auxilial-o, mostrando-lhe o espirito demasiado hostil da segunda cidade do reino para com a realeza, o estado decadente das industrias, a falha dos interesses commerciaes da praça, em virtude das successivas crises que a tem abalado. Tudo isso é nada para o seu plano. Entende que é de boa politica monarchica uma viagem do rei ao norte do paiz, e essa viagem faz-se.

Muita gente disse ao vêr a lista do actual ministerio que elle seria capaz de tudo—ou enterraria por uma só vez a realeza ou a levantaria do abatimento em que cahiu. E' effectivamente esse o papel que o snr. Marianno de Carvalho está desempenhando. Provoca os elementos politicos ao combate, quer na urna, quer nas praças, quer na imprensa: affirma não os temer, e, com um arrojo, que causa espanto, decreta as medidas economicas, politicas, que mais se conforma com o papel, que para si traçou, sem se importar do que pensam os outros partidos.

*

As rivalidades surdas, que a sua attitude estava inspirando no partido progressista, rebentaram agora.

Já de ha muito que o partido progressista vinha intrigando e levantando toda a casta de difficuldades á politica do snr. Marianno de Carvalho. Mas, porque aos seus interesses partidarios não convinha a guerra aberta com o ministerio, simulava a guerra com a forma de conselhos paternaes.

Tambem o partido progressista julgava ephemera a vida do ministerio e, por causa d'alguns mezes de ostracismo de poder não lhe convinha affastar para depois o actual ministro da fazenda. Porém a sua estada na opposição foi-se prolongando, os seus partidarios tornaram-se insoffridos, e eis que levianamente se arremessam para uma lucta de que por certo não tirarão resultado algum.

O partido progressista, batendo desesperadamente a reforma da camara de Lisboa, só por ser obra do snr. Marianno, vê-se obrigado a entrar na campanha eleitoral contra o governo. Mas no municipio de Lisboa a sua força é nulla, porque a força do partido progressista na capital pertencia exclusivamente ao snr. Marianno, herdeiro de Saraiva de Carvalho. D'ali provem a sua difficuldade em organisar uma lista, que não tem vencimento. E, collocado em tal situação, hade auxiliar os republicanos, prestando-lhes todo o seu concurso, o que é contra a affirmação dos seus principios monarchicos e contra o seu interesse em subir ao peder, ou ha-de fazer um triste papel e denunciar a sua nenhuma força eleitoral.

Alguns jornaes progressistas, vendo a desgraçada situação em que fica depois da eleição de Lisboa, votam contra a deliberação do chefe, que o «Correio da Noite» traduziu. Apregoam que é necessario desistir da lucta e ficar na espectativa.

E assim se vê que quer o partido progressista entre na lucta, quer não, já o snr. Marianno de Carvalho conseguiu uma victoria sobre o seu emulo politico o snr. José Luciano de Castro; porque se o partido lucta mostra a sua exigua força, se não lucta desprestigia o chefe, que ordemnou o contrario.

Ficam-lhe portanto de frente para combater, os republicanos.

*

Ninguem dirá que esta tarefa deixe de ser ardua e antipathica.

Os republicanos teem por seu lado a sympathia e a força moral. Elles luctam contra o desperdicio, contra a bambuchata, contra a desmoralisação da politica monarchica. A cada momento se descobrem abusos, que a imprensa traz a lume: a cada momento se estadeiam nas ruas de Lisboa essas enormes fortunas ganhas, em poucos annos, á sombra do thesouro. Esse espectaculo avultado, salientado á vista do povo devia bastar para conduzir os eleitores em massa perante as urnas, e com os votos protestar contra semelhante estado de coisas.

Por outro lado, a viagem da familia real, com todos esses festejos com que os reis se fazem acompanhar, é um contraste vivo com o estado precario da população, que as crises e os impostos aggravam constantemente.

E o ministro vae ao encontro de tudo isto, pondo a realeza frente a frente com os seus adversarios.

Vencerá em toda a linha?

Por ahi

—Bancarrota?

Diz-se que o governo vae reduzir o juro das inscripções d'assentamento.

Se assim é não haverá mais credito, é a bancarrota perfeitamente caracterisada e de que ninguem jamais duvidará.

Em o governo faltando pela primeira vez aos seus compromissos, nada o prenderá para elle não faltar aos outros. E depois perseguido pelos credores que não reformarão as lettras, onde ha de ir buscar dinheiro para as pagar?

Deus affaste de nós semelhante desgraça.

—

—A eleiçao de Lisboa.

Anda ás aranhas o partido progressista por causa da eleição de Lisboa. Depois de os mais irrequietos terem obrigado o chefe a declarar que o partido bateria a urna, os mais moderados apresentam-se a declarar que melhor seria abandonar o campo.

E ahi começa a *jiga-joga* e a prova da *disciplina partidaria*.

Os republicanos concentraram-se pondo de lado as suas dissenções intestinas.

Entretanto republicanos e progressistas continuam a attacar valentemente a ultima reforma da camara.

—

—A viagem do rei.

O snr. Marianno de Carvalho como ministro do reino diz ostensivamente para a camara do Porto que o rei, snr. D. Carlos, não quer festejos e que vae ao Porto sómente para estudar o grau de aperfeiçoamento das nossas industrias.

Comtudo quer-nos parecer que o mesmo ministro, por debaixo de capa (sem ser a dita *capa*) ha-de ter recommendado precisamente o contrario.

Aquillo são fogos de vistas e tende a prevenir qualquer mau resultado. Porquanto se effectivamente não houver festas o ministro apresenta a sua carta: se as houver diz que é tal o enthusiasmo do povinho que apesar das recommendações elle estoura em vivorio.

—

Lá fino é elle!

Basilio Telles e o alferes Malheiro, dois revolucionarios de 31 de janeiro, dois emigrados, dois perseguidos, estiveram ha dias em Lisboa a bordo de um navio que seguia viagem para o Brazil.

Do partido republicano de Lisboa foram meia duzia de commissões a bordo. E... mais nada. A solidariedade no soffrimento e na lucta... não é precisa. Os emigrados que lá se arrajem. Entretanto á sombra do partido republicano vão-se arranjando os *seculorios* e mais meia duzia que se anicharam na camara de Lisboa com bons ordenados.

São estes que querem a victoria do partido republicano por meio da evolução. Está claro; como elles teem a barriga cheia, estão com medo de que qualquer tentativa revolucionaria, atiçando as revindictas, lhes tire os empregos e comprometta a empreza.

Uns pandegos, os taes evolucionistas. E o povo a atural-os!

Novidades

Desmazelo.—Por mais de uma vez dissemos que era de absoluta necessidade a junta de parochia mandar destruir uma parte do panno do muro do adro da egreja matriz, que fica do norte, porque corria o risco de algum dia desabar e soterrar nos escombros alguma pessoa.

A junta não fez caso d'isto. Deixou o muro; até que em uma das noites passadas desabou, arrastando comsigo mais um pedaço de muro, que se poderia conservar.

Felizmente não apanhou ninguem debaixo, devido provavelmente ao adeantado da noute; visto quo a estrada, que corre em baixo, é de dia; muitissimo concorrida.

A Junta agora gasta bem dinheiro do que gastaria se tivesse sido um pouco mais cuidadosa.

Policia civil—A camara municipal de Estarreja combinada com o seu administrador do concelho fizeram retirar d'aquella villa a policia civil, que para alli havia sido mandada.

A razão d'esta medida está em que a policia não conhecia estes ou aquelles partidarios, multava todos os que transgrediam as posturas municipaes.

Aqui dá-se exactamente o mesmo caso.

O administrador do concelho requisitou a policia civil. Veio a policia, que começou a prestar bons serviços, fazendo cumprir a lei e os regulamentos camararios. Com isto lucra o cofre camarario, porque alli entra o producto das multas.

Mas a camara ou antes o presidente da camara, porque o administrador do concelho votou, na reunião da commissão industrial, para que fosse collectado como agiota e ainda para satisfazer a uns sujeitos, que querem por alli andar de noute á vontade, resolveu levantar todas as difficuldades á permanencia da policia não lhe dando o subsidio.

E' esta a politica ridicula das terras pequenas. Umas pequenitas vinganças, umas mesquinhas conveniencias.

Todos tinhamos a lucrar em que se fizesse entrar a garotada nos eixos e a villa na ordem de que parece ter-se affastado ha muito.

Não querem.

Furadouro—Não tem havido pesca, porque o mar é bravo. Na quarta-feira as companhas retiraram os barcos mais para longe da praia com receio de que o mar os levasse.

Não ha uma só sardinha d'este anno nos armazens; e comtudo os nossos mercanteis já compraram toda a que havia na costa da Torreira e n'estas praias mais visinhas, até á de Espinho.

Alguns poucos mercanteis, que tinham conservado a sardinha da safra do anno passado—de agosto e setembro de 1890—e que já tinham perdido as esperanças de a vender mesmo por baixo preço, estão agora a vendel-a por 1$400 e 1$500 reis o milheiro!

Se assim continua por mais uma semana o mar, nem d'esta restará uma.

Tem apparecido no mercado alguma sardinha de Lisboa, das armações de Peniche e outras, sendo o seu preço muito subido, para vender a 5$000 reis o milheiro.

Em virtude do preço da sardinha as companhas de pesca da nossa praia estão resolvidas a prolongar a safra até o mais tarde possivel.

As safras costumam acabar em meiados ou fins de novembro: este anno provavelmente irá até fins de dezembro.

E' grande a fome na classe piscatoria.

—Chegou a esta praia o ex.mo snr. Bernardo da Costa Bastos com seu filho mais novo.

Vinha s. ex.ª bastante incommodado e muito abatido. Confiava em que os ares da praia o reanimasse. Parece que se não enganava. Ha dias quando o visitamos, apresentava s. ex.ª melhor aspecto, signal de que ia recuperando a antiga força.

Oxalá s. ex.ª encontre no Furadouro o seu completo restabelecimento, e que nos annos futuros o vejamos aqui, como em tempos que já lá vão.

Agricultura.—Foi muito regular a producção do milho no nosso concelho.

Se as terras altas produziram menos em virtude da falta d'agua, as terras baixas compensaram esses prejuizos.

Os jornaes dos trabalhadores conservaram-se sempre por um preço baixo, não obstante haver encarecido os generos.

Póde-se dizer que os nossos lavradores não teem razão de queixa.

Estradas.—Ainda mais uma vez pedimos a quem compete que se digne mandar concertar as estradas d'esta villa, que pertencem ao governo.

Nós pagamos ao Estado, para viação, uns poucos de contos de reis todos os annos. Era justo que gastassem, no nosso concelho ao menos a metade do que pagamos.

Como se vê não somos demasiado exigente.

LAMENTO

Eu julguei que podia atravessar
o procelloso Oceano d'esta vida,
só tendo por pharol, bussola qu'rida,
a luz do teu sombrio e doce olhar.

Breve foi essa esp'rança desmentida,
o teu amor partiu... p'ra não voltar,
e eu, sósinha fiquei no immenso mar,
a vêr se inda encontrava a fé perdida!

Debalde suppliquei!... A Providencia
não se compadeceu da dôr immensa,
na qual julgo encontrar âcre prazer!

Reconquistar não pude a ardente crença!
E hoje, no sanctuario da consciencia:—
«Sinto que vivo, porque vou morrer!»

Alice Moderno.

A electricidade. — Na proxima esposição de Chicago exhibir-se-ha um apparelho inventado pelo celebre electricista Edison, denominado *Kitenographo*, e que é farmado pela ligação do phonographo com uma camara photographica, para a reproducção simultanea do ruido e do movimento. Podem ser reproduzidas 8:200 photographias em cada meia hora e assim uma pessoa póde estar em sua casa não só a servir como a vêr representar-se uma opera ou a ferir-se uma batalha.

"Supponha-se, explica o inventor, que se quer reproduzir uma opera qualquer, colloca-se a machina sobre uma mesa em frente ao palco e emquanto o phonographo apanha a musica, o *Kitenographo* reproduz os movimentos das pessoas que estão em scena por meio de photographias.

Tira-se tambem a lente photographica que se substitue por outra objectiva e ajustada então a parte reproductiva do phonographo, por meio de luz de *calcium* a scena inteira poderá reproduzir-se, em tamanho natural n'uma cortina branca, vendo os espectadores representar-se ahi, ao vivo toda a opera, ouvindo ao mesmo tempo a musica emittida pelo phonographo.

Simplesmente maravilhoso!

Um cyclone—Em 19 e 20 d'agosto ultimo, cahiu sobre o territorio de Puerto Rico, America do Norte, um vendaval medonho, seguido por um formidavel cyclone que derrubou casas, egrejas, arvores e monumentos. Muitos rios transbordaram innundando as povoações visinhas.

Houve muitas desgraças pessoaes e as perdas materiaes são importantissimas. Morreram afogadas tambem muitas cabeças de gado.

Doido assassinado — No asylo do Saint Méen, perto de Rennes, em França, foi morto á paulada um doido que de repente se tornou furioso.

Mataram n'o dois guardas que estavam embriagados. A autopsia demonstrou que o infeliz succumbiu a numerosas violencias; o cadaver apresentava vestigios de mais de 40 pontapés.

Club. — Lá vae mais uma tentativa na nossa terra. Já se fizeram umas poucas, em que, vez á vez, todos se tem empenhado, mas sempre sem resultado.

Agora é a *troupe* dos occarinistas, uma sociedade engendrada pelo negociante d'esta villa snr. Silverio Lopes Bastos, que tem proporcionado bellas serenatas.

Esta sociedade arrendou a casa que faz esquina para o Chafariz e para a rua das Pontes da Graça e alli organisou um club onde se reunem não só os occarinistas, como todos os que se lhes queriam aggregar como socios.

O numero dos socios vae augmentando e ha grande enthusiasmo para a inauguração que é hoje. De noute ha baile tocando a *troupe*. Oxalá esse club continue a progredir. Assim acabaria o terrivel influxo, que, na rapaziada da terra, exerce a taberna: assim talvez se arranjasse um dique para essa torrente de selvagerias, que, no fundo, são originadas ordinariamente pelo roubo.

O testamento do general Boulanger.—O "Figaro„ dá como certo que as filhas do general Boulanger vão contestar o testamento que elle fez em favor de sua sobrinha, Mlle. Mathilde Griffith.

Com o titulo de legataria universal, o general deu á sobrinha tudo o que possuia, menos algumas lembranças deixadas a amigos.

«Intimo, escreveu elle, minhas filhas a que respeitem a minha vontade, se querem que lhes perdoe o mal que me fizeram».

Apezar de se recusarem absolutamente a reconhecer que tinham sido más filhas, Mme Briant e Mlle Boulanger respeitarão a vontade do pae, salvo algumas reservas, que esperam ellas, não levantarão difficuldade alguma. Não contestarão pois a Mlle Griffith o titulo de legataria universal salvo se a resistencia pouco provavel d'esta ultima as obrigar a isso.

Deixa a sua prima não só a mobilia bastante rica da casa de Bruxellas como tambem os numerosos objectos d'arte que o enchem e os valores que seu pae podesse ter em carteira.

Deixa a Barbier o cavallo preto. Respeitam os legados particulares estipulados no testamento.

O que ellas querem é que lhes entreguem a espada, as dragonas e as condecorações de seu pae, que são em numero de vinte e quatro.

Finalmente, se o general Boulanger não dispoz expressamente em favor d'um amigo como Mm. Rochefort ou Déroulède, do retrato que lhe fez M. Debat-Ponsan, as filhas do general não querem que essa tela vá parar ás mãos de Mlle Griffith.

As duas irmãs estão litteralmente succumbidas com a phrase testamentaria citada acima. *Todo o mal que ellas fizeram* a seu pae foi o resistirem ás suas sollicitações quando, esperando conseguir o divorcio, pedia-lhes que abandonassem Mme. Boulanger para irem viver com elle: "Supplicamos-te. escreveram-lhe ellas, que procures meio de conciliar o respeito que temos por nossa mãe com todo o amor que temos por ti.„

Respondeu-lhes d'uma maneira muito severa e é desde esse tempo que todas as relações estavam interrompidas entre o pae e as filhas.

Litteratura

MAURICE MONTÉGUT

A AVÓ

I

Aos trinta e cinco annos ficára madame d'Hauducourt viuva, com um filho d'oito annos chamado Jorge. Habitava uma casa isolada na rua Cassette, proximo ao Luxemburgo; ás vezes, de noite, sentia medo, porque vivia ali só com uma criada; mas queria conservar-se na casa por causa do jardim, onde o pequeno crescia e se desenvolvia livremente, e assim se foi deixando envelhecer n'aquelle tranquillo retiro. Descendia ella de uma antiga familia burgueza estabelecido desde muitos annos no bairro S. Sulpicio com armazem de moveis, e casára com um dos seus primeiros para não ter de alterar a taboleta da loja.

Agora educava o filho o melhor que podia, esperando que elle chegasse á edade em que podesse tomar conta dos negocios. N'esse interregno, um velho amigo de familia. mr. Labattu, encarrega-se da direcção do armazem, coisa de resto facil quando se trata de uma casa já acreditada e afreguezada.

Jorge crescera, pois, tranquillo e adorado. Aos 22 annos era meigo, bom, terno e sensivel como todos os rapazes educados por mulheres. Vivia de fórma que nem parecia um moço da sua edade, e apezar de frequentar o bairro das escolas, porque cursava Direito, nunca madame Haudicourt tivera razão de queixa de seu filho, a quem julgava de ella, e só d'ella para sempre.

Depois, pouco a pouco, pareceu-lhe que se ia dando o que que fosse de novo.

Jorge andava pensativo, distrahido; sahia mais cedo e voltava mais tarde.

Uma noite ficou fóra de casa.

A mãe não disse palavra; realmente, o rapaz só para ella poderia passar por creança.

Certa manhã, a velha creada entrou no quarto da ama toda assustada e, sem preambulos, disse:

—Ah! Minha senhora, contaram-me agora bonitas coisas!... Parece que mr. Jorge tem uma mulher por sua conta! Sabe-o ahi toda a visinhança!

Madame Haudicourt fez-se muito pallida e depois rompeu em chôro, cheia de ciumes. Já não possuia inteiramente o coração de seu filho...alguem lh'o roubava. Passou horas e horas sósinha e pensativa no jardim, ons de lhe parecia que ainda na vespera vira Jorge correr com apernas nuas, os cabellos longos e anellados cahidos sobre as costas. Mas pouco a pouco ia-se-lhe fazendo luz no espirito. Afinal chegou quasi a sentir-se orgulhosa de que o filho fosse amado. Era uma coisa que, no fim de contas, tinha que succeder. E elle tão sympatico!...E concluiu as suas reflexões murmurando com um sorriso:

—A marota teve bom gosto!

Marota era já uma attenuante, uma concessão; ainda na vespera, fallando das *irregulares*, madame de Haudicourt dizia: «Essas creaturas...essas más mulheres...»

A' noite, interregou leal e gravemente seu filho.

Elle confessou logo tudo, com uma especie d'alegria, como se aquella confissão o alliviasse de um grande peso; e abraçou sua mãe, dizendo lhe:

—Mas minha mãe nada perde. Nem por isso lhe tenho menos amor!...

A velha senhora, porém, fez-se severa. Evocou a antiga regularidade dos avós, uma familia sem mancha, com uma tradicção d'honestidade que durava havia dois seculos.

Uma ligação d'aquella ordem significava um rompimento com o passado impolluto d'essa familia. Era preciso acabar com aquillo quanto antes, emquanto as coisas eram recentes; se a questão era de dinheiro, ella daria quanto fosse nescessario.

Jorge, porém, interrompeu-a.

—Foi mal informada, minha mãe. Não acabarei com umas relações que não são recentes, que já datam de tres annos. Eu vivo para mim e não para os meus avós já mortos, e os tempos teem mudado. Não, não deixarei Luiza, que nunca por um instante *me affastou dos meus deveres*,—como diria mr. Labbatu,—e que é sempre a primeira a alembrar-me a hora a que eu devo voltar para casa de minha mãe. De resto, é inutil insistir. Não quero deixal-a, entende, minha mãe? Não quero, e ainda que quizesse não poderia abandonal-a, porque está gravida.

—Oh! Meu Deus!—exclamou a velha burgueza—Jorge, dés-te-me o primeiro desgosto na minha vida ...Oh!... Isto é extraordinario na familia Haudicourt!

II

Decorreram tres annos sem incidente.

Uma manhã, entrando no quarto de Jorge, que estava ausente, madame Haudicourt viu n'uma gaveta entreaberta uma photographia que lhe atrahiu a attenção. Pegou-lhe e examinou-a.

Evidentemente é ella...—murmurou a viuva um pouco commovida, como quem contempla um inimigo frente a frente.

Era um rosto suave e meigo, sem o minimo rasquicio de *coquetterie* provocadora, o que ella estava vendo; um semblante de mulher amante e dedicada, de olhar humilde, de feições tão finas que chegavam a parecer doentias; mas do conjuncto emanava indizivel encanto, uma como que resignada melancholia, e teria sido cobarde quem ousasse insultar aquella fraqueza.

—Vamos, ao menos é bonita! —suspirou madame Handicourt.

E, depois d'uma pausa:

—E elle? Com quem se parecerá?

Elle era o filho de Jorge, um outro Jorge que se chamava João. A principio, quando o pequenino viera ao mundo, declarára ella que não queria nunca vêl-o, nem sequer ouvir fallar n'elle. Mas, afinal, não pensava n'outra coisa senão na creança.

Uma noite, tendo-se atrevido mr. Labattu a dizer:

—Então Jorge enfeita-se cada vez mais para aquella velhaca, hein?

Madame Haudicourt respondeu-lhe seccamente:

—Modere as suas expressões, meu caro Labattu; aquella velhaca... não é tanto assim. Tomei as minhas informações, o diabo não é tão feio como o pintam. E' uma boa rapariga, com algumas qualidades apreciaveis...

E calou-se bruscamente, suffocada, tão cheia de surpreza como mr. Labattu, e gritou, erguendo os braços:

—Meu Deus, ouvisme? E sou eu que a defendo!...

E estendeu a mão ao seu veneravel amigo, que não percebia nada d'aquillo.

Estava vencida; e de hora para hora ia diminuindo a sua severidade. Não pensava já senão no seu neto, que devia ter quasi tres annos, a edade em que a alma começa a despertar... Elle não a conhecia, nunca a conheceria... Porque? Porque ella não queria. Ella?! Ora! Pois ella tinha dito isso? Quando? Onde e Então estava louca! Pois se vêl-? era o seu unico desejo!... E veriamos se elle não havia do vêl-o!

Bem sabia que todas as tardes de verão a mãe o levava ao Luxemburgo, e, tremula, uma segunda-feira transpôz a grade e entrou no jardim. Guiada pela reminiscencia da photographia, encarava na passagem todas as jovens mães sentadas sob os platanos.

De subito, viu-a. Lá estava sósinha a um canto, no primeiro terrasso com um livro na mão, mas sem lêr, e a creança junto d'ella, brincando.

Madame Haudicourt sentou-se n'uma cadeira, assestou as lunetas, um pouco perturbada, e contemplou-o.

—E' tal qual Jorge quando tinha a mesma edade... o mesmo olhar... os mesmos cabellos... e como é bonito, santo Deus!... E lembrar-me de que aquelle tambem é meu e que não posso... não devo... Realmente as leis so-

ciaes são uma coisa muito divertida...

Madame Haudicourt tornava-se revolucionaria e subversiva e começa a esquecer as tradicções de familia.

D'ali em diante, todos os dias a egual hora sentava-se debaixo da mesma arvore, na mesma cadeira, e ali passava tempo infinito a olhar para o pequeno.

E João acabou por a ficar conhecendo.

A's vezes sorria-lhe e approximava-se d'ella estendendo-lhe as mãos cheias de areia.

Então parecia-lhe a ella, á avó, que Deus descia sobre a terra; admirava o andar ainda vacillante e o olhar incerto e buliçosa do pequeno; mas a mãe chamava-o, de mêdo não incommodasse elle *aquella senhora*, que nem lhe tocava, Quando elle começava a fallar á sua moda, ella applicava o ouvido e ria a bom rir, sentindo-se feliz.

Adorava-o.

Depois começou a trazer-lhe bolos, e d'ahi passaram a ser amigos.

A mãe—uma rapariga bem sympathica—agradecia um pouco confusa.

E assim decorreram mezes.

Depois Luiza, varias noites a fio, fallou a Jorge d'aquella senhora de edade que costuma ir ao Luxemburgo e que era tão amiga de João; elle, a principio, prestou pouca attenção, mas um dia teve uma idéa, louca, muito embora, mas que se lheu fixou pertinazmente no cerebro.

—Dá-me alguns signaes d'essa senhora... disse elle.

Luiza fez uma descripção approximada de madame Haudicourt.

Jorge, então, levantou-se, beijou o filho sem dizer palavra, mas pensou:

—A'manhã irei ao jardim.

Estava um bello dia; o Luxemburgo parecia alegre com a chilreada dos seus passarinhos e risos argentinos das mil creanças que lhe percorriam as alamedas.

Era um dia d'esses que parece chamarem a felicidade.

Como sempre, lá estavam as duas mães, cada uma em sua cadeira, cada uma debaixo da sua respectiva arvore, a cinco passos uma da outra, e o pequeno no meio, papagueando para ambas ao mesmo tempo.

E madame Haudicourt notava que João estava um pouco pallido.

Tinha precisão d'ar para o campo, pensava ella,—ou pelo menos para o grande jardim da rua Cassette, onde o pae d'elle, seu filho, crescera como uma flor, n'um cantinho de sol privilegiado.

João approximou-se de madame Haudicourt que se inclinou para elle affagando-lhe a linda cabeça loira...

De repente alguem se ergueu em frente d'ella, pegou no pequeno em cheio e collocou-lh'o nos braços, e emquanto que, junto da outra arvore, Luiza, assustada, cheia de vergonha, tapava os olhos com as mãos tremulas a avó ouviu a voz de seu filho, do seu Jorge, que lhe dizia:

—Estás agarrada, mamã!

.....

Feitas as pazes, por esse doce traço de união que se chama —a creança.

CHRONICA

Furadouro, 15.

Completa paz n'esta praia!

O aborrecimento dos dias passados, que foram chuvozos, vae-se transformando pouco a pouco: as ultimas duas noites, embora frias, mas de um limpido luar, reanimaram os descontentes.

Já se ouvem os desafios e as danças campestres teem logar na rua principal.

A monotomia dissipa-se, e o viver da praia torna á sua primitiva.

Não me alimenta a tristeza de ver o diminuto movimento no bilhar do Cerveira nem mesmo acharem-se fechadas, até ao proximo anno, as portas da assembleia, não; se as copiosas bategas de agua fizerem dique, goza-se muitissimo.

Para confirmação, escrevo laconicamente o que demais importante se passou em um *pic-nic* a que, por convite, assisti.

Pelas duas horas da tarde de hontem seguia com cinco rapazes em direcção á matta miuda do Carregal, logarêjo que, se escolheu para *sala de jantar*.

Deitava-me por sobre a relva ainda lenta e entregue á abstracção, cometti a imprudencia de dizer:—«Calmoza tarde de Julho, puff.»

Riram-se; forçaram-se por me *encavacar*, e continuou-se.

O incomparavel José Gomes, cuja bondade de alma é por todos reconhecida, desempenhou, voluntariamente, o logar de servente olvidando, por momentos, que era capitalista.

Estendeu a toalha, designou os logares e serviu os pratos.

Além dia de sol, que succedeu a tantos outros para quem essa luz bemquista e sagrada jazia por entre as carregadas nuvens, obrigou os do grupo a procurarem um local onde se respirasse á vontade e onde não penetrassem os raios do sol.

Um verdadeiro dia de verão o de hontem.

Os *brindes* não esperaram pela sobre-meza.

Cedi a minha vez, allegando em defeza que em occasiões d'estas era... mudo!

Fizeram-me impressão as eloquentes palavras que Bernardo Augusto da Costa soltou.

Não o conhecia, porém, tirando o X do seu discurso levantei-me e... abracei-o! Admiro quem tem talento; não é só este o dom que possue; é além d'isso um coração leal: um verdadeiro amigo.

Quiz por fim da festa o José Gomes deliciar os companheiros, cantando, com todos os requisitos da musica a Serenata de Schubert.»

Dito e feito.

O talentoso mas... demasiado modesto Dias Simões, tocou violão, acompanhando assim a voz cheia de candura e *trinâda*.

Era a voz d'uma Deuza.

Tal era a maneira como o Gomes cantava...

A's 8 horas giravam as bóllas no bilhar, liam-se jornaes e jogava-se o «sete e meio».

—Projectam-se serenatas para as noites seguintes.

—São 6 horas da tarde e emquanto escrevo, o Gandara toca flauta, José Gomes, ocarina, Simões violão, Cerveira harmonico e estão a ensaiar a "ramaldeira». Tencionam hoje sahir.

A fóra o banho e como o tempo não tem dado logar a passeios—a não ser os dois dias ultimos passaram sempre o tempo á porta e janella da salla do bilbar.

—Um anjo que está a banhos mas que é fora da comarca, captivou o coração do J. Gomes.

E' russa e esbelta, gosta d'elle é innegavel, namoram-se ha dias mas desconfio algum desenlace fatal porque alguem *faz-lhe frente*.

O mar sempre na mesma.

A's 2 horas d'hoje tiveram os pescadores de puchar mais para terra os barcos.

Os banhistas estão já aborrecidos de carne e bacalhau; queriam peixe. Eu tambem.

Tenham paciencia...

João Sincero.

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(1.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de 60 e 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no "Diario do Governo„ citando pelos primeiros Manoel Lopes Barboza e Antonio Lopes Barboza, solteiros, maiores, D. Margarida d'Oliveira Barboza e marido João de Pinho Barboza, Manoel Lopes Guilherme, auzentes em parte incerta nos Estados-Unidos do Brazil, Damião de Pinho e espoza D. Maria Emilia de Jesus e Pinho, Manoel de Pinho e espoza D, Adelaide de Jesus d'Oliveira, Antonio d'Oliveira Escadinhas e Antonio d'Oliveira Muge, estes auzentes em parte incerta na cidade de Lisbôa; e pelos segundos os credores e legatarios por ora desconhecidos ou rezidentes fóra da comarca; os primeiros para assistirem a todos os termos até final do inventario de menores, a que se procede por morte de sua mãe, sógra e avó Maria Joanna de Jesus que foi do Largo da Poça, d'esta Villa d'Ovar; e os segundos para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario.

Ovar, 12 de Outubro de 1891.

Verifiquei

O juiz de direito
Salgado e Carneiro
O Escrivão
João Ferreira Coelho

(131)

ARREMATAÇÃO

(1.ª publicação)

No dia 1.º de novembro proximo, por meio dia e á porta do Tribunal da comarca sito na Praça, d'esta villa, se ha-de proceder á arrematação dos seguintes bens—Uma terra lavradia, denominada «a Relva da casa» avaliada em 200:000 reis—uma propriedade de casas terreas cortinha e mais pertenças, avaliada em 190:000 reis—e um pinhal chamado «o pinhal da porta» avaliado em 60:000 reis; cujos predios são sitos no logar da Carvalheira, freguezia de Macedo, e vão á praça, para serem entregues a quem mais der sobre aquelles valores, por deliberação do concelho no inventario orphanologico a que se procede por obito de Anna Francisca d'Oliveira, viuva, do referido logar e freguezia. Pelo presente são citados os credores incertos da inventariada, para assistirem á arrematação e aos termos do inventario.

Ovar, 9 de outubro de 1891.

Verifiquei

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro

O Escrivão,

Eduardo Elysio Ferraz de Abreu.

(132)

EDITOS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do Escrivão Coelho, correm editos de cincoenta e trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no "Diario do Governo», citando pelos primeiros Francisco dos Santos Gesta, José dos Santos Gesta, solteiros, auzentes em Buenos-Ayres, e João dos Santos Gesta, auzentes no Pará, para assistirem a todos os termos até final do inventario de menores a que se procede por morte de seu pae Antonio dos Santos Gesta, morador que foi em Ovar, e pelos segundos os credores e legatarios por ora desconhecidos ou rezidentes fóra da comarca, para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario.

Ovar, 15 de outubro de 1891,

Verifiquei

O juiz de direito

Salgado e Carneiro

O Escrivão

João Ferreira Coelho

(133)

Annuncios

CÃO PERDIDO

PERDEU-SE um cão, de raça lobeira, branco, com as orelhas cortadas, e malhado de amarello.

Quem o achar e o queira entregar recebe alviçaras, e, não fazendo isso, logo que se saiba onde está, procede-se judicialmente contra quem o tiver.

Silverio Lopes Bastos

OVAR

AGENCIA FUNERAIAR

Rua da Graça — OVAR

SILVERIO LOPES BASTOS, acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema do Porto, tendo todos os aprestes para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontrarão os snrs. doridos caixões já armados desde o mais barato até ao mais rico que se póde fazer; habitos desde o mais fina seda até ao mais baixa algodão; corôas de flores artificiaes, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato, fitas de seda desde a mais larga á mais estreita, guarnições douradas, artigos de cartonagem e palheta, sedas lisas e lavradas e emfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'este casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoa competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

LEI DO RECRUTAMENTO

APPROVADA POR

Carta de lei de 12 de setembro de 1887

Seguida das alterações decretadas em 23 de julho de 1891

Preço . . . . . 40 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio

A' Livraria=*Cruz Coutinho* =Editora. Rua dos Caldeireiros, 18, e 20—PORTO.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Auctor dos romances: As Doidas em Paris, Mysterios de uma Herança, O Fiacre n.º 13, A Mulher do Saltibanco, Crimes de uma Associação Secreta, As Mulheres de Bronze, Os Milhões do Criminoso, Dramas do Casamento, *e outros.*

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

4 volumes illustrados com chromos e gravuras a 450 réis por assignatura 1$800 réis. Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a todos os assignantes. Vista geral da Avenida da Liberdade segunda edição com bastantes modificações mede 60 por 73 centimetros, impressão feita a 16 côres valor 500 réis.

Os srs. assignates que enviarem já directamente aos editores a quantia de 1$800 réis (sem abatimento), receberão na volta do correio a *vista da Avenida da Liberdade* e semanalmente as cadernetas tambem pelo correio tanto para Lisboa como para as provincias.

EDITORES—BELEM & C.ª 26, Rua do Marechal Saldanha 26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA
OS
Companheiros do punhal
POR
L. STAPLEAUX

Romancedramatico da maior sensação
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Brindes de valor a todos as assignantes e angariadores de assignaturas, entre outros: um annel para senhora, um serviço de almoço (China) para 2 pessoas, um córte de vestido, um relogio de prata, um relogio de ouro para senhora, um pardessus, um centro de mesa, etc., etc., e

Um cheque á vista, de 2 libras

Ninguem deixe de lêr o prospecto em distribuição.

Publicada a 1.ª caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

Peça-se o prospecto illustrado e 1.ª caderneta.

ELEMENTOS
DE
GEOGRAPHIA ECONOMICA
(Agricola, industrial e commercial)
POR
JOSE NICOLAU RAPOSO BOTELHO
Major de infanteria
e ex-professor do Lyceu Central do Porto
—
PORO

Magalhães & Moniz—Editores

OS MYSTERIOS DO PORTO
POR
GERVAZIO LOBATO

Romance de grande sensação, illustrado com magnificas phototypias.

Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcedivel regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 reis cada fasciculo franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 reis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livraria da Empreza Litteraria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184 Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cerveira.

A AVÓ
POR
ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra.

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, *à vol d'oiseau.* Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjuncto as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centimetros e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

MANUAL
DO
PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribuaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modêlos e formas que lhe são concernentes.

pelo
DR. AUGUSTO CESAR DE SA
JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a **Raul de Sá**—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

VIDA
DE
LORD BYRON
POR
EMILIO CASTELLAR
VERSÃO DE
FERNANDES REIS
—
2.ª EDIÇÃO

Com os retratos de Emilio Castelar e de Lord Byron.

1 vol. br. . . . . 500 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria=Cruz Coutinho, =Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

DRAMAS DO CASAMENTO
POR
XAVIER DE MONTEPIN
VERSÃO
DE
Julio de Magalhães
———
volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 reis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, **50 REIS**
A distribuição começará em 3 de maio proximo.
Brinde a todos os assignantes
EDITORES BELEM & C.ª
26, Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fôr promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não podér conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes)..... 1$200
Por duas series (um anno) 2$400

Não se acceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

NOVO
DICCIONARIO UNIVERSAL
PORTUGUEZ

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico a mythologico etc.
COMPILADO
POR
FRANCISCO DE ALMEIDA
EDITORES E PROPRIETARIOS
TAVARES CARDOZO & IRMAO
Largo de Camões 5 e 6
LISBOA
CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

O NOVO DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ contem 2:424 paginas, divididas por dois volumes.

A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda estereotypada e muitas folhas já impressas.

Os senhores assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra imcompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se anticipadamente o importe de qualquer numero de entregas.

O preço de cada entrega é de 120 réis.

Fechada a assignatura o preço será augmentado com mais 20 por cento.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares Cardozo & Irmão, Largo de Camões—Lisboa.

A ESTAÇÃO
JORNAL ILLUSTRADO DE MODA PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.º de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4$000—6 mezes 2$100 rs.—Numero avulso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil

Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, **ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.**

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

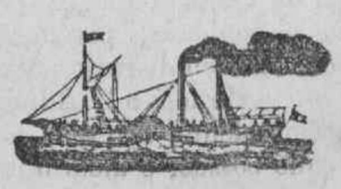
Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados. agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes de primeira ordem **dão-se passagens gratuitas** a individuos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de edade, para differentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo.**



Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, **dão-se passagens gratuitas** a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de *marido, mulher, avô ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados,* para differentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo**

Os passageiros que embarcarem n'estas condicções não contrahem divida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR
Serafim Antunes da Silva
Rua da Praça

EM AVEIRO
a Manuel J. Soares dos Reis
19—Rua dos Mercadores—23.

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridoss com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de *França* e *Hespanha.*